

# De FAMALICÃO PARA O MUNDO

Trabalhadores forçados no III Reich e os famalicenses no sistema concentracionário nazi



E. BUCHENWALD

Häftlings-Personal-Karte

Quantität	an. 11.	Personen-Übertragung:
...	...	...



OFFICE NATIONAL  
DES ANCIENS COMBATTANTS  
ET VICTIMES DE LA GUERRE

Carte d'Anticomuniste

Valable du 19 Mars 1957 au 19 Mars 1958

Monsieur Y. I. I. I. I.

Né le 4 Mars 1907

A GAUCOURG de

Le Poste de Police, Nancy



De Famalicão para o mundo  
Trabalhadores forçados no III Reich e os famalicenses  
no sistema concentracionário nazi

"O que aconteceu não pode  
ser desfeito mas podemos  
impedir que volte a acontecer"

- Anne Frank

**A ORIGEM  
DE UMA  
NOVA  
GUERRA**



**TREATY OF PEACE**  
THE ALLIED AND ASSOCIATED POWERS  
TO THE  
TREATY  
BETWEEN THE UNITED STATES OF AMERICA  
AND GREAT BRITAIN  
MARCH 12, 1919



**Wigandbergerbrief**  
Am 12. September 1938

Der Reichsaussenminister Herr Dr. Goebbels hat mich gestern mit dem Inhalt des am 12. September 1938 in Wien abgefassten Briefes vertraut gemacht. Ich habe mich mit dem Reichsaussenminister Herr Dr. Goebbels über den Inhalt des Briefes unterhalten. Ich habe mich mit dem Reichsaussenminister Herr Dr. Goebbels über den Inhalt des Briefes unterhalten. Ich habe mich mit dem Reichsaussenminister Herr Dr. Goebbels über den Inhalt des Briefes unterhalten.



**The Grand Kaput**  
"Truth Serum" Test for Man in D  
**HITLER DEFIES EUROPE: 'ANNEXE'**







**The Grand Rapist**  
**'Truth Serum' Test for Man in D**  
**HITLER DEFIES EUROPE: 'ANNEXE**  
HITLER PROVES COOPERATING TAX WARRIOR  
BE BOLD TO TAKE TRIP SEVEN TEST  
F. Stuart French Phoenix (1938) 101  
Lester Davis Ottawa News (1938) 102





Com a derrota da Alemanha na I Guerra Mundial (1914-1918), esta foi obrigada a assinar o Tratado de Versalhes com os países vitoriosos. Classificado pela Alemanha como Diktat (imposição), o Tratado determinava que o país aceitasse todas as responsabilidades por causar a Guerra e estabelecia um conjunto de sanções, tais como: a perda de todos os territórios coloniais e de uma parte do seu território para um número de nações fronteiriças, o pagamento de indemnizações aos países que atacou, como também foram impostas várias restrições ao tamanho do seu exército.

Mas, o fim da Guerra não ficaria apenas marcado com a assinatura do Tratado de Versalhes e a insatisfação perante as suas consequências. Seguiu-se uma grande e grave crise económica na Alemanha, que aumentou o desemprego e causou instabilidade política, levando ao aparecimento do Partido Nazi (Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães), em 1920, que tinha como líder Adolf Hitler, um orador persuasivo e eloquente. Comprometendo-se a restaurar a Alemanha como potência mundial, a reverter os preceitos do Tratado de Versalhes e a reconquistar as colónias perdidas, foi em 1932, com os efeitos da mundialização da Crise de 1929, que o Partido Nazi se tornou o maior partido político alemão e, nas eleições de 1933, o maior partido eleito no Reichstag com seu líder, Adolf Hitler, a tornar-se Chanceler da Alemanha, a 30 de janeiro de 1933.

As ideias anticomunistas, antisemitas (ódio e perseguição contra os judeus), racistas e patrióticas de Hitler promovidas no seu livro *Mein Kampf* (Minha Luta) tiveram uma enorme repercussão na Alemanha e depois no mundo. Este ódio provinha do facto de atribuir a culpa da decadência económica da Alemanha aos judeus e considerar este povo inferior.

Na defesa das ideias do Partido Nazi, em 1935, foram decretadas as Leis de Nuremberg, nas quais apenas os arianos podiam ser cidadãos do Reich e consequentemente todos os judeus seriam privados de direitos políticos. Estas leis serviam como justificação do ódio contra os judeus e da exclusão dos mesmos da vida social e cultural da Alemanha.

Nos primeiros anos do regime nazi, a economia alemã teve um crescimento extremamente rápido, permitindo que os seis milhões de desempregados se reduzissem a um milhão em 1936. Fruto do crescimento da produção, do rendimento nacional, através da promoção das obras públicas e do estímulo às empresas privadas. Tendo sido concedido a isenção de impostos às empresas que aumentassem o emprego e os seus gastos de capital entre 1935 e 1938, fazendo com que o PIB alemão atingisse o crescimento de 11% em 1939.

Como bases de recuperação da Alemanha, a partir de 1934, o regime posicionou a sua força económica na indústria e no trabalho, tendo como consequência a reintrodução do serviço militar obrigatório por Hitler e o recrutamento de mão de obra estrangeira fornecida através de operações de violência extrema dirigidas por Fritz Sauckel, o que levou à escravização de mais de cinco milhões de pessoas, tendo ficado conhecida como a maior operação de trabalho escravo da história.

Em 1938, como parte dos planos de expansão dos alemães para a Europa Oriental e Central, a Áustria foi o primeiro país na mira do Partido Nazi. Isto porque, desde o fim da I Guerra Mundial, grande parte da população do Império Alemão e da República da Áustria

esperava a unificação dos dois estados, mas as potências aliadas vitoriosas tinham proibido esse acontecimento. A 12 de fevereiro de 1938, Hitler encontrou-se com o chanceler austríaco Kurt von Schuschnigg de forma a forçá-lo a um acordo que autorizasse os nacional-socialistas austríacos, proibidos na Áustria desde 1933, a participarem novamente no governo. Mas o facto de Kurt von Schuschnigg renunciar ao seu cargo, a 11 de março de 1938, no dia seguinte, as tropas alemãs invadiram a Áustria e Hitler anunciou o Anschluss (anexação).

No dia 10 de abril de 1938, 99,73% da população austríaca e 99% dos alemães votaram no Anschluss e Führer obteve a aprovação da união entre a Alemanha e a Áustria. A Áustria passou a ser, então, uma entidade sem nome absorvida pela Alemanha com a indiligência e o silêncio dos seus aliados ocidentais. Pouco mais tarde, os nazis iniciaram a sua perseguição contra os opositores políticos e contra as pessoas de "raça inferior".

Com a invasão e a anexação da Áustria, a Grã-Bretanha e a França acreditavam que as ambições territoriais de Hitler chegariam ao fim. No entanto, isto não aconteceu, pois, a política expansionista da Alemanha Nazi, resultante do desejo da formação do "espaço vital", levou a voltarem-se para os Sudetas, uma região da Checoslováquia com população alemã.

A 29 de setembro de 1939, os líderes da Grã-Bretanha, França, Alemanha e Itália reuniram-se na Conferência de Munique para discutir-se a Alemanha tinha interesse em anexar a Sudeteland, parte da Checoslováquia, ao seu território. Quando saiu de Munique, Hitler teve uma vitória moral, acreditando que a fraqueza das operações francesas e britânicas era motivo para continuar a expandir os seus territórios. Nesse sentido, a Alemanha invadiu a Checoslováquia e em seguida a Polónia.

A invasão à Polónia marcou o início da II Guerra Mundial. O país foi invadido oficialmente no madrugada de 1 de setembro de 1939, com os alemães a mobilizar 1,5 milhões de soldados, apoiados por 3 600 veículos blindados e 1 929 aviões de guerra. A Inglaterra e a França declararam guerra à Alemanha a 3 de setembro e Winston Churchill, primeiro-ministro do Reino Unido, discursou à Nação: "Nada tenho a oferecer senão sangue e trabalho, suor e lágrimas".

O uso do Blitzkrieg, a tática da guerra relâmpago em que as tropas alemãs realizavam ataques rápidos e inesperados ao inimigo, contribuiu para a vitória da Alemanha após poucas semanas da invasão e, nos 9 meses seguintes, entre setembro de 1939 e junho de 1940, a Alemanha invadiu a Dinamarca, a Noruega, a Bélgica, os Países Baixos e Luxemburgo e a França.





Com a derrota da Alemanha na I Guerra Mundial (1914-1918), esta foi obrigada a assinar o Tratado de Versalhes com os países vitoriosos. Classificado pela Alemanha como *Diktat* (imposição), o Tratado determinava que o país aceitasse todas as responsabilidades por causar a Guerra e estabelecia um conjunto de sanções, tais como: a perda de todos os territórios coloniais e de uma parte do seu território para um número de nações fronteiriças, o pagamento de indemnizações aos países que atacou, como também foram impostas várias restrições ao tamanho do seu exército.

Mas, o fim da Guerra não ficaria apenas marcado com a assinatura do Tratado de Versalhes e a insatisfação perante as suas consequências. Seguiu-se uma grande e grave crise económica na Alemanha, que aumentou o desemprego e causou instabilidade política, levando ao aparecimento do Partido Nazi (Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães), em 1920, que tinha como líder Adolf Hitler, um orador persuasivo e eloquente. Comprometendo-se a restaurar a Alemanha como potência mundial, a reverter os preceitos do Tratado de Versalhes e a reconquistar as colónias perdidas, foi em 1932, com os efeitos da mundialização da Crise de 1929, que o Partido Nazi se tornou o maior partido político alemão e, nas eleições de 1933, o maior partido eleito no *Reichstag* com seu líder, Adolf Hitler, a tornar-se Chanceler da Alemanha, a 30 de janeiro de 1933.

As ideias anticomunistas, antisemitas (ódio e perseguição contra os judeus), racistas e patrióticas de Hitler promovidas no seu livro *Mein Kampf* (Minha Luta) tiveram uma enorme repercussão na Alemanha e depois no mundo. Este ódio provinha do facto de atribuir a culpa da decadência económica da Alemanha aos judeus e considerar este povo inferior.

Na defesa das ideias do Partido Nazi, em 1935, foram decretadas as *Leis de Nuremberg*, nas quais apenas os arianos podiam ser cidadãos do *Reich* e conseqüentemente todos os judeus seriam privados de direitos políticos. Estas leis serviam como justificação do ódio contra os judeus e da exclusão dos mesmos da vida social e cultural da Alemanha.

Nos primeiros anos do regime nazi, a economia alemã teve um crescimento extremamente rápido, permitindo que os seis milhões de desempregados se reduzissem a um milhão em 1936. Fruto do crescimento da produção, do rendimento nacional, através da promoção das obras públicas e do estímulo às empresas privadas. Tendo sido concedido a isenção de impostos às empresas que aumentassem o emprego e os seus gastos de capital entre 1935 e 1938, fazendo com que o PIB alemão atingisse o crescimento de 11% em 1939.

Como bases de recuperação da Alemanha, a partir de 1934, o regime posicionou a sua força económica na indústria e no trabalho, tendo como consequência a reintrodução do serviço militar obrigatório por Hitler e o recrutamento de mão de obra estrangeira fornecida através de operações de violência extrema dirigidas por Fritz Sauckel, o que levou à escravização de mais de cinco milhões de pessoas, tendo ficado conhecida como a maior operação de trabalho escravo da história.

Em 1938, como parte dos planos de expansão dos alemães para a Europa Oriental e Central, a Áustria foi o primeiro país na mira do Partido Nazi. Isto porque, desde o fim da I Guerra Mundial, grande parte da população do Império Alemão e da República da Áustria

esperava a unificação dos dois estados, mas as potências aliadas vitoriosas tinham proibido esse acontecimento. A 12 de fevereiro de 1938, Hitler encontrou-se com o chanceler austríaco Kurt von Schuschnigg de forma a forçá-lo a um acordo que autorizasse os nacional-socialistas austríacos, proibidos na Áustria desde 1933, a participarem novamente no governo. Mas o facto de Kurt von Schuschnigg renunciar o seu cargo, a 11 de março de 1938, no dia seguinte, as tropas alemãs invadiram a Áustria e Hitler anunciou o *Anschluss* (anexação).

No dia 10 de abril de 1938, 99,73% da população austríaca e 99% dos alemães votaram no *Anschluss* e Führer obteve a aprovação da união entre a Alemanha e a Áustria. A Áustria passou a ser, então, uma entidade sem nome absorvida pela Alemanha com a indiligência e o silêncio dos seus aliados ocidentais. Pouco mais tarde, os nazis iniciaram a sua perseguição contra os opositores políticos e contra as pessoas de "raça inferior".

Com a invasão e a anexação da Áustria, a Grã-Bretanha e a França acreditaram que as ambições territoriais de Hitler chegariam ao fim. No entanto, isso não aconteceu, pois, a política expansionista da Alemanha Nazi, resultante do desejo da formação do "espaço vital", levou a voltarem-se para os Sudetas, uma região da Checoslováquia com população alemã.

A 29 de setembro de 1939, os líderes da Grã-Bretanha, França, Alemanha e Itália reuniram-se na Conferência de Munique para discutir se a Alemanha tinha interesse em anexar a *Sudeteland*, parte da Checoslováquia, ao seu território. Quando saiu de Munique, Hitler teve uma vitória moral, acreditando que a fraqueza das operações francesas e britânicas era motivo para continuar a expandir os seus territórios. Nesse sentido, a Alemanha invadiu a Checoslováquia e em seguida a Polónia.

A invasão à Polónia marco o início da II Guerra Mundial. O país foi invadido oficialmente na madrugada de 1 de setembro de 1939, com os alemães a mobilizar 1,5 milhões de soldados, apoiados por 3.600 veículos blindados e 1.929 aviões de guerra. A Inglaterra e a França declararam guerra à Alemanha a 3 de setembro e Winston Churchill, primeiro-ministro do Reino Unido, discursa à Nação: "Nada tenho a oferecer senão sangue e trabalho, suor e lágrimas".

O uso da *Blitzkrieg*, a tática da guerra relâmpago em que as tropas alemãs realizavam ataques rápidos e inesperados ao inimigo, contribuiu para a vitória da Alemanha após poucas semanas da invasão e, nos 9 meses seguintes, entre setembro de 1939 e junho de 1940, a Alemanha invadiu a Dinamarca, a Noruega, a Bélgica, os Países Baixos, o Luxemburgo e a França.



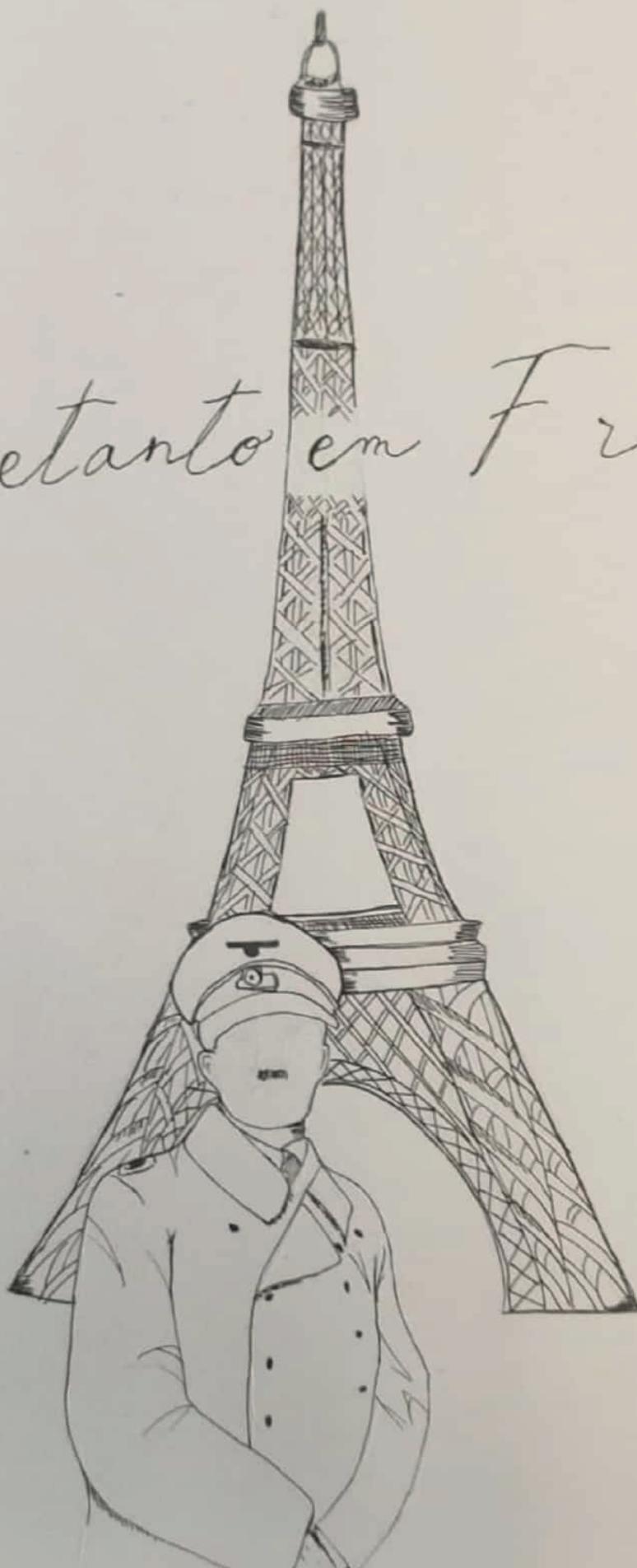
Com a I Guerra Mundial,  
A grande Alemanha foi vencida  
E como consequência,  
Teve o Tratado de Versalhes que assinar.

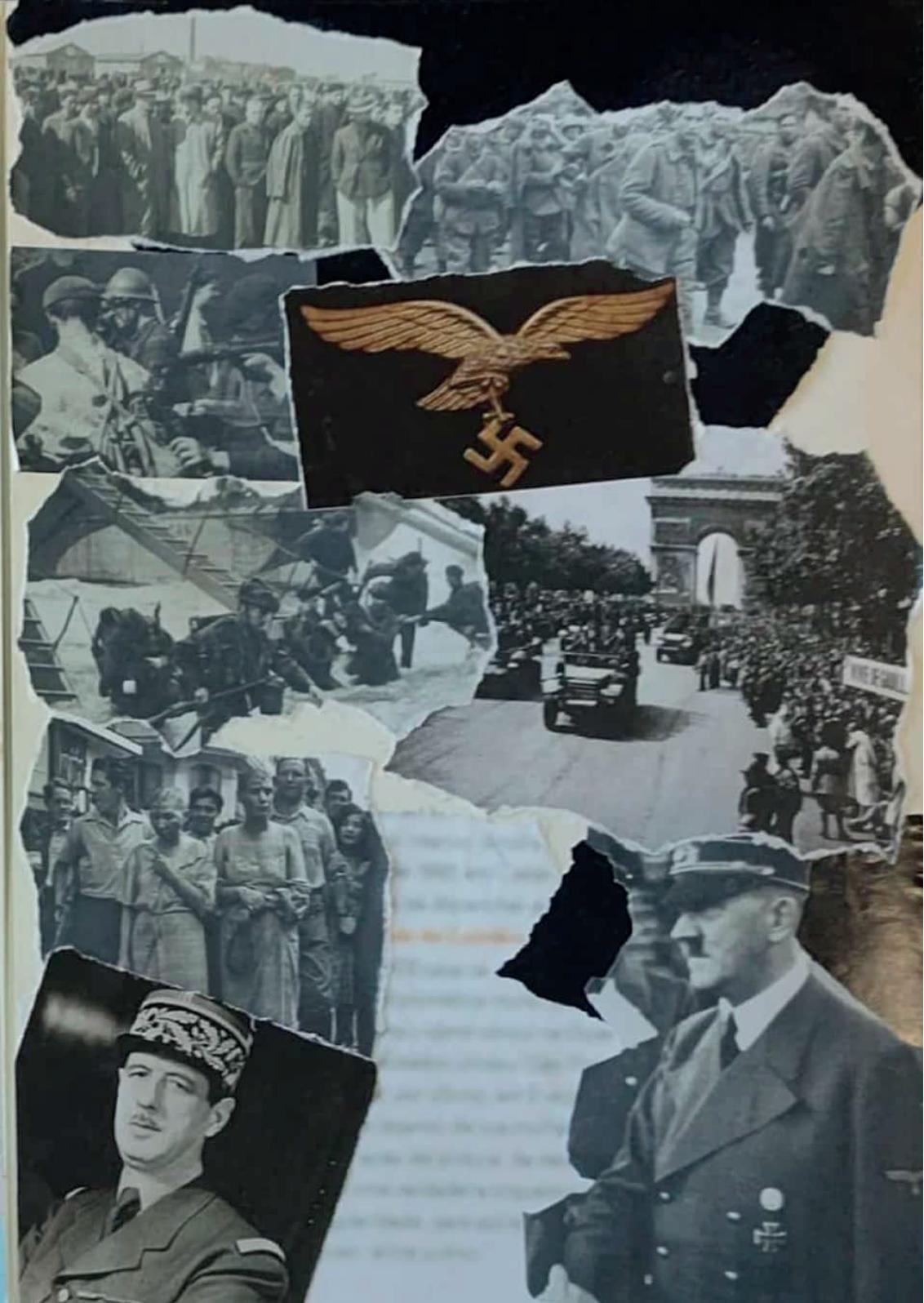
Tudo bem até aí estava,  
Mas para a Alemanha ...  
Ela estava furiosa,  
Sentia-se injustiçada.

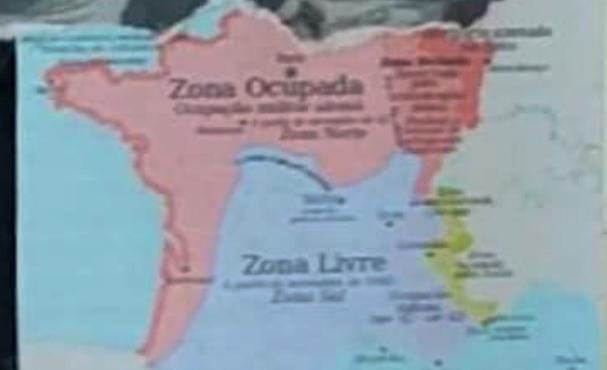
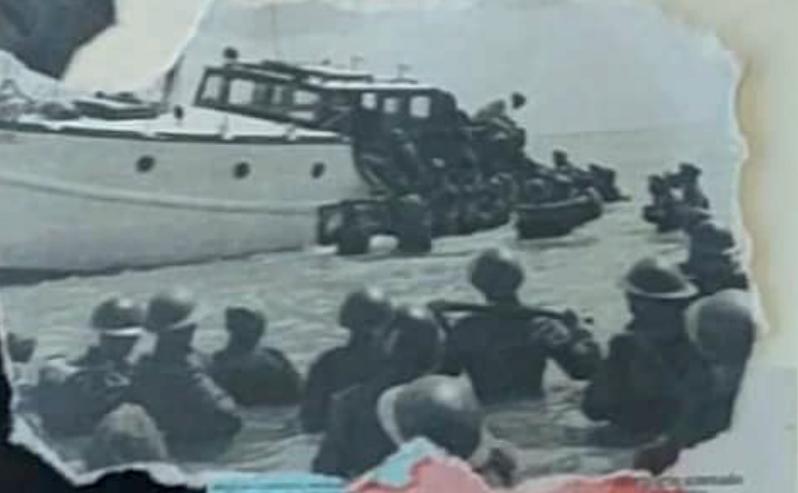
Surgiu o Partido Nazi  
E Hitler com ambição,  
Queria enaltecer a sua nação.

Com a invasão à Polónia  
A paz ia acabar,  
Pois a II Guerra Mundial iria começar.

Entretanto em França...











A ocupação França pela Alemanha Nazi foi iniciada a 10 de maio de 1940, com a invasão da Holanda. Logo em seguida, os alemães atacaram a Bélgica e os Países Baixos, através do lançamento de quase 500 paraquedistas alemães em direção ao Forte Eben Emael, atacando-o e aprisionando os militares belgas. Conhecida pela Batalha do Forte Eben Emael, foi após muito pouco tempo que os alemães conquistaram a fortaleza belga, essencial para a passagem da Wehrmacht (as forças armadas da Alemanha Nazi) para o centro da Bélgica e terras adjacentes. O objetivo era penetrar as defesas francesas pelas Ardenas, a região de colinas montanhosas partilhada principalmente pela Bélgica e o Luxemburgo, que se estende também à França e, num movimento tático, encerrar os exércitos franceses que estavam ao norte, na Bélgica. Para essa zona marcharam mais de 134 mil homens com o objetivo, de atacar o ponto mais "mole" da defesa francesa. Com os alemães a cruzarem as Ardenas, o exército francês ficou desorientado e inicia um movimento de fuga, mas quando os soldados nazis atravessam o rio Meuse, cercaram cerca de 400 mil soldados franceses, belgas e britânicos na cidade portuária no norte de França, Dunquerque.

Cercados os soldados pelos alemães em Dunquerque, o Reino Unido com o objetivo de evitar que acontecesse um desastre maior, inicia a retirada de Dunquerque, também conhecida como o milagre de Dunquerque. Com efeito, os ingleses dirigiram-se a Dunquerque com todos os barcos funcionais, inclusive barcos de pesca, para retirar de França os soldados Aliados e transportá-los para o Reino Unido. A intenção inicial comandada pelo vice-almirante Bertram Ramsay, era salvar apenas 45 mil soldados britânicos, no entanto o objetivo foi alterado para salvar todos os soldados Aliados que estivessem presentes nas praias. Esta operação que durou desde 25 maio até 4 junho de 1940, foi considerada como a maior retirada estratégica da história da humanidade, que por sua vez milagrosamente permitiu que fossem resgatados cerca de 340 mil soldados que estavam cercados pelas tropas alemãs. Contudo, o mesmo não impediu que a França fosse derrotada.

A 14 de junho de 1940, o exército alemão invade a capital francesa, Paris e apesar de Winston Churchill pretender que os franceses continuassem na guerra, o governo francês liderado por François Lebrun, no dia 22 de junho de 1940, assinou o Armistício de Rethondes com os alemães. A França foi dividida em duas zonas: a zona ocupada e a zona livre, isto é, os franceses ficaram apenas com a parte sul, permitindo assim que os alemães ocupassem a cidade de Paris e toda a região norte e noroeste. Marechal Philippe Pétain, um herói da I Guerra Mundial, liderava o Governo Vichy, que originou um enorme colaboracionismo com os alemães, isto é, agentes da autoridade, figuras públicas e membros do governo, seguem as ordens e regras alemãs. A colaboração era tão elevada que até foram enviados aproximadamente 76 mil judeus franceses para campos de concentração alemães e somente menos de 2 mil sobreviveram. Fruto desse colaboração, onde era fornecida mão-de-obra barata, ou até mesmo quase escrava, e matéria-prima, que os alemães conseguiram realizar fortes ataques no Atlântico e das bases aéreas em França, a Luftwaffe (a força aérea da Alemanha Nazi) realizou violentos ataques contra o Reino Unido.

O Governo de Vichy, perseguiu a Resistência Francesa, que tinha como objetivo a libertação perante a invasão alemã e o movimento colaboracionista francês. Em 1941, a Resistência Francesa já estava mais organizada e otimizada, causando fortes dificuldades aos alemães, utilizando técnicas avançadas, mas a infiltração dos Aliados fez com que os alemães se sentissem ameaçados e decidissem ocupar todo o país.

Em 1944, Paris está liberada, e após a cidade de Paris ter sido libertada, muitos dos indivíduos que colaboraram com os nazis, tentaram escapar. Mulheres que tiveram casos amorosos com alemães, proprietárias de lojas, grandes industriais e figuras públicas, que colaboraram com o regime nazi, foram humilhadas, entregues às autoridades Aliadas e acusadas de elevada traição. O marechal Philippe Pétain, com a fim do Governo Vichy, foi julgado e condenado à morte por traição, no entanto, Charles de Gaulle, comutou a sentença em prisão perpétua onde viria a falecer 1951.





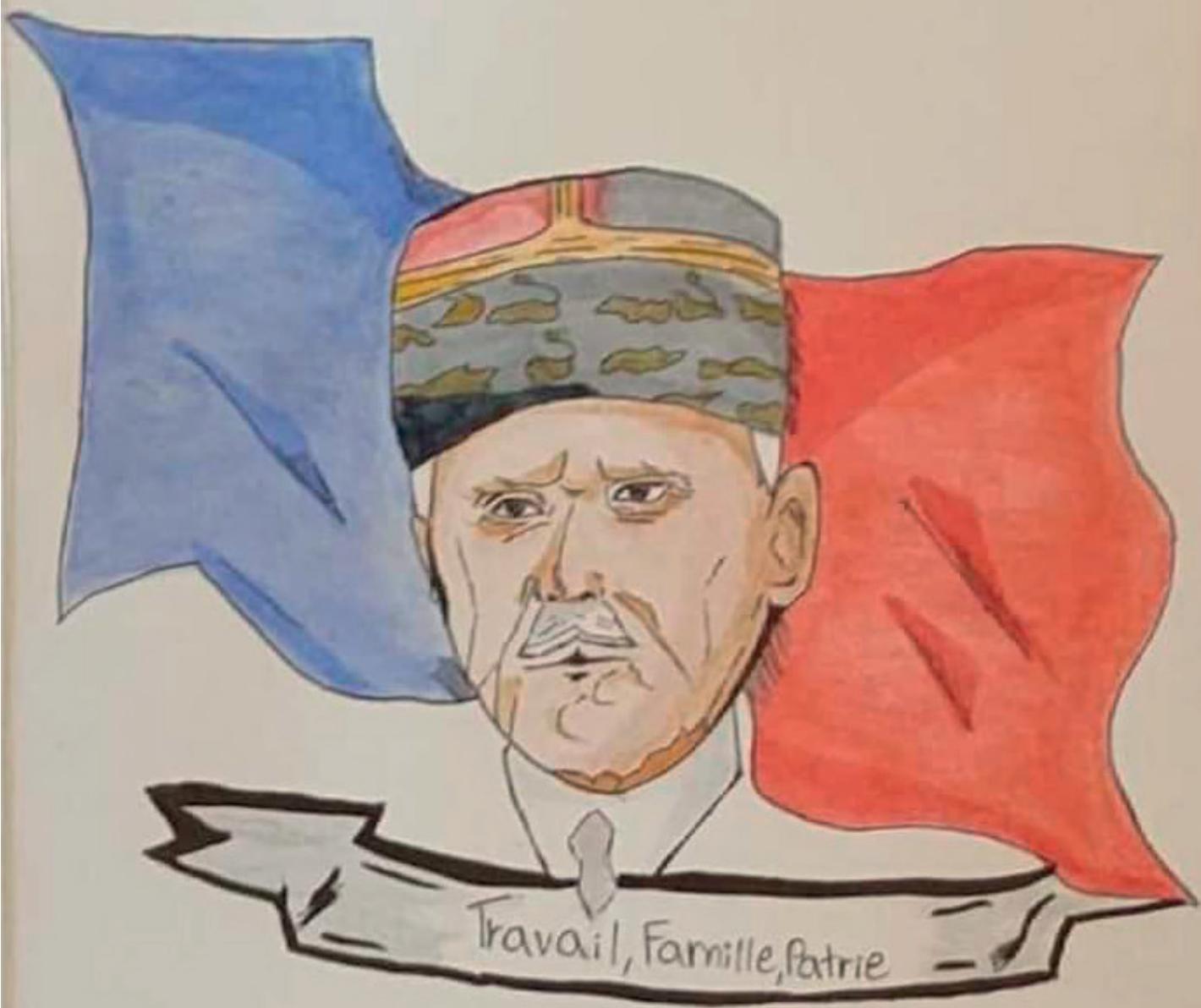
A ocupação França pela Alemanha Nazi foi iniciada a 10 de maio de 1940, com a invasão da Holanda. Logo em seguida, os alemães atacaram a Bélgica e os Países Baixos, através do lançamento de quase 500 paraquedistas alemães em direção ao Forte Eben Emael, atacando-o e aprisionando os militares belgas. Conhecida pela Batalha do Forte Eben Emael, foi após muito pouco tempo que os alemães conquistaram a fortaleza belga, essencial para a passagem da *Wehrmacht* (as forças armadas da Alemanha Nazi) para o centro da Bélgica e terras adjacentes. O objetivo era penetrar as defesas francesas pelas Ardenas, a região de colinas montanhosas partilhada principalmente pela Bélgica e o Luxemburgo, que se estende também à França e, num movimento tático, encurralar os exércitos franceses que estavam ao norte, na Bélgica. Para essa zona marcharam mais de 134 mil homens com o objetivo, de atacar o ponto mais "indefeso" da defesa francesa. Com os alemães a cruzarem as Ardenas, o exército francês ficou desorientado e inicia um movimento de fuga, mas quando os soldados nazis atravessam o rio Meuse, cercaram cerca de 400 mil soldados franceses, belgas e britânicos na cidade portuária no norte de França, Dunquerque.

Cercados os soldados pelos alemães em Dunquerque, o Reino Unido com o objetivo de evitar que acontecesse um desastre maior, inicia a retirada de Dunquerque, também conhecida como o milagre de Dunquerque. Com efeito, os ingleses dirigiram-se a Dunquerque com todos os barcos funcionais, inclusive barcos de pesca, para retirar de França os soldados Aliados e transportá-los para o Reino Unido. A intenção inicial comandada pelo vice-almirante Bertram Ramsay, era salvar apenas 45 mil soldados britânicos, no entanto o objetivo foi alterado para salvar todos os soldados Aliados que estivessem presentes nas praias. Esta operação que durou desde 25 maio até 4 junho de 1940, foi considerada como a maior retirada estratégica da história da humanidade, que por sua vez milagrosamente permitiu que fossem resgatados cerca de 340 mil soldados que estavam cercados pelas tropas alemãs. Contudo, a mesma não impediu que a França fosse derrotada.

A 14 de junho de 1940, o exército alemão invade a capital francesa, Paris e apesar de Winston Churchill pretender que os franceses continuassem na guerra, o governo francês liderado por François Lebrun, no dia 22 de junho de 1940, assinou o Armistício de Rethondes com os alemães. A França foi dividida em duas zonas: a zona ocupada e a zona livre, isto é, os franceses ficaram apenas com a parte sul, permitindo assim que os alemães ocupassem a cidade de Paris e toda a região norte e noroeste. Marechal Philippe Pétain, um herói da I Guerra Mundial, liderava o Governo Vichy, que originou um enorme colaboracionismo com os alemães, isto é, agentes da autoridade, figuras públicas e membros do governo, seguiam as ordens e regras alemãs. A colaboração era tão elevada que até foram enviados aproximadamente 76 mil judeus franceses para campos de concentração alemães e somente menos de 2 mil sobreviveram. Fruto dessa colaboração, onde era fornecida mão-de-obra barata, ou até mesmo quase escrava, e matéria-prima, que os alemães conseguiram realizar fortes ataques no Atlântico e das bases aéreas em França, a *Luftwaffe* (a força aérea da Alemanha Nazi) realizou violentos ataques contra o Reino Unido.

O Governo de Vichy, perseguiu a Resistência Francesa, que tinha como objetivo a libertação perante a invasão alemã e o movimento colaboracionista francês. Em 1941, a Resistência Francesa já estava mais organizada e otimizada, causando fortes dificuldades aos alemães, utilizando técnicas avançadas, mas a infiltração dos Aliados fez com que os alemães se sentissem ameaçados e decidissem ocupar todo o país.

Em 1944, *Paris est libérée*, e após a cidade de Paris ter sido libertada, muitos dos indivíduos que colaboraram com os nazis, tentaram escapar. Mulheres que tiveram casos amorosos com alemães, proprietários de lojas, grandes industriais e figuras públicas, que colaboraram com o regime nazi, foram humilhados, entregues às autoridades Aliadas e acusados de elevada traição. O marechal Philippe Pétain, com o fim do Governo Vichy, foi julgado e condenado à morte por traição, no entanto, Charles de Gaulle, comutou a sentença em prisão perpétua onde viria a falecer 1951.



Travail, Famille, Patrie



Proc. 552

Circular n° 14

Lisboa, 11 de Novembro de 1939

Exm° Sr. Ministro de Portugal

Tenho a honra de remeter a V. Exª, as instruções seguintes sobre a concessão de passaportes, vistos em passaportes e matriculas consulares, de cujo conteúdo rogo a V. Exª, se digne dar conhecimento aos postos consulares subordinados a essa Missão:

Torna-se necessário nas actuaes circunstâncias anormais adoptar certas providências e definir algumas normas, embora a título provisório, que previnam quanto possível, em matéria de concessão de passaportes consulares portugueses e de vistos consulares, abusos e práticas de facilidades inconvencientes ou perigosas, sem ao mesmo tempo dificultar excessivamente o expediente de tais assuntos, alguns dos quais, como o dos

em trânsito por Lisboa para embarques com

temos todo o interesse em não embar-

ção fica determinado o seguinte:

do disposto no artº 701 do Regulamento proibido aos cônsules de 4ª classe concederem vistos consulares sem prévia consulta ao Estado.



Aristides de Sousa Mendes



Herói ou "visão"?



Handwritten document with fields for name (Meyer), date (22 de Novembro 1938), nationality (alemão), profession (industrial), and address (Rua S. João, 92). It includes a signature and date (Paris 1946).

- Handwritten list of names and numbers: 1.444, 1.447, 1.448, 1.449, 1.450, 1.451, 1.452, 1.453, 1.454, 1.455, 1.456, 1.457, 1.458, 1.459, 1.460, 1.461, 1.462, 1.463, 1.464, 1.465, 1.466, 1.467, 1.468, 1.469, 1.470, 1.471, 1.472, 1.473, 1.474, 1.475, 1.476, 1.477, 1.478.

"(...) O seu nome será sempre lembrado (...)"

- Handwritten list of names: Jacoas, Cecill, Pierre, Pauline, Joseph, Josephine, Gabrielle, Suzanne, Maria, Maribela, Franiscek, Ernest, Bob, Kelly.



Lisboa, 11 de Novembro de 1939

Exm° Sr. Ministro de Portugal

Tenho a honra de remeter a V. Ex.ª, as instruções seguintes sobre a concessão de passaportes, vistos em passaportes e matrículas consulares, de cujo conteúdo rogo a V. Ex.ª, se digne dar conhecimento aos postos consulares subordinados a essa Missão:

Torna-se necessário nas actuaes circunstâncias anormais adoptar certas providências e definir algumas normas, embora a título provisório, que previnam quanto possível, em matéria de concessão de passaportes consulares portugueses e de vistos consulares, abusos e práticas de facilidades inconvénientes ou perigosas, sem ao mesmo tempo dificultar excessivamente o expediente de tais assuntos, alguns dos quais, como o dos

em trânsito por Lisboa para embarques com os quais temos todo o interesse em não embaraçar

a concessão fica determinado o seguinte:

1.º - Conforme disposto no art.º 701 do Regulamento de Vistos, é proibido aos cônsules de 4.ª classe concederem vistos consulares sem prévia consulta ao Estado.



*Aristides de Sousa Mendes*



*Herói ou "visão"?*



*Mayer*

Nom : *Leonard*  
 Prénoms : *28 décembre 1896*  
 Lieu et date de naissance : *Paris*  
 Nationalité d'origine (1) : *Allemand*  
 Nationalité actuelle (2) : *Réfuge de prov. Alle.*  
 Profession : *industriel*  
 Adresse en France : *92 Rue Bonhan Paris 16<sup>e</sup>*  
 Motif du voyage et preuves à l'appui : *Care opération certifiées médicales*  
 Nature d'existence : *petite fortune*  
 Date approximative de sortie du territoire français : *février 1940*  
 Point d'entrée au territoire portugais : *"*  
 Pays où l'étranger désire se rendre : *Asie*  
 A-t-il un visa de passeport étranger et pour quel pays ?  
 Différence en France : *Thiers 92 Rue Bonhan Paris*  
*France 47 Rue de la Pétrie Paris*  
 A-t-il contre vous des mesures d'ajournement à votre retour dans le pays où vous a été délivré le passeport ?  
 Localité où le pétitionnaire a précédemment séjourné (avec adresse et dates de séjour) :  
*4 Rue Ager Paris 16<sup>e</sup> 1934*  
*92 Rue Bonhan Paris 16<sup>e</sup>*  
*depuis 1936 jusqu'à 1940*  
 Sa signature engage sa responsabilité et n'exerce aucune poursuite prévue par la loi en cas de fausses déclarations.  
 Fait à *NORONHA*, le *24 Janvier 1941*  
 (Signature) *Mayer*

- 1.446 - d. - *Pauline Ed.*
- 1.447 - d. - *Jana Ed.*
- 1.448 - d. - *Chapa Ed.*
- 1.449 - d. - *Rachel Ed.*
- 1.450 - d. - *Gene Ed.*
- 1.451 - d. - *Gene Ed.*
- 1.452 - d. - *Gene Ed.*
- 1.453 - d. - *Gene Ed.*
- 1.454 - d. - *Gene Ed.*
- 1.455 - d. - *Gene Ed.*
- 1.456 - d. - *Gene Ed.*
- 1.457 - d. - *Gene Ed.*
- 1.458 - d. - *Gene Ed.*
- 1.459 - d. - *Gene Ed.*
- 1.460 - d. - *Gene Ed.*
- 1.461 - d. - *Gene Ed.*
- 1.462 - d. - *Gene Ed.*
- 1.463 - d. - *Gene Ed.*
- 1.464 - d. - *Gene Ed.*
- 1.465 - d. - *Gene Ed.*
- 1.466 - d. - *Gene Ed.*
- 1.467 - d. - *Gene Ed.*
- 1.468 - d. - *Gene Ed.*
- 1.469 - d. - *Gene Ed.*
- 1.470 - d. - *Gene Ed.*
- 1.471 - d. - *Gene Ed.*
- 1.472 - d. - *Gene Ed.*
- 1.473 - d. - *Gene Ed.*
- 1.474 - d. - *Gene Ed.*
- 1.475 - d. - *Gene Ed.*
- 1.476 - d. - *Gene Ed.*
- 1.477 - d. - *Gene Ed.*
- 1.478 - d. - *Gene Ed.*

*"(...) O seu nome será sempre lembrado (...)"*



"Que mundo é este em que é preciso ser louco para fazer o que é certo"

Aristides Sousa Mendes

Aristides de Sousa Mendes, uma figura da história portuguesa, que graças à sua atitude humilde salvou milhares de refugiados do horror causado pelo Holocausto. Nascido em Cabanas de Viriato, no concelho de Carregal do Sal, o diplomata português viveu entre 19 de julho de 1885 a 3 de abril de 1954. Após o fim da licenciatura em Direito na Universidade de Coimbra, em 1907, iniciou a sua carreira diplomática.

A 12 de maio de 1910 foi nomeado cônsul de 2.º classe na Guiana Britânica, passando depois a exercer funções em Zanzibar. Em fevereiro de 1918, depois de muitas tentativas, teve o seu desejo concretizado e foi transferido para Curitiba, no Brasil, com o mesmo cargo. Porém, devido às suas convicções monárquicas e antirrepublicanas, veria, em 1919, as suas funções serem suspensas. Nos finais de 1921 foi convidado a dirigir temporariamente o consulado em S. Francisco, na Califórnia. Mas após 2 anos é solicitado a voltar ao Brasil até que, em 1926 é obrigado a regressar a Lisboa para prestar serviço na Direção-Geral dos Negócios Comerciais e Consulares. Com o Golpe de Estado de 28 de Maio de 1926, Sousa Mendes foi nomeado cônsul em Vigo. Por fim, de 1931 a 1938 foi cônsul em Antuérpia, mais tarde transferido para Bordéus, numa época em que crescia na Europa o Nazismo, e conseqüentemente, aumentava o número de refugiados, sobretudo judeus, tendo muitos deles escolhido Bordéus, como destino temporário.

Com o início da II Guerra Mundial, em setembro de 1939, passados dois meses em novembro desse ano, Salazar, de forma clara, alinha-se ao lado do mais forte, a política Nazi de Hitler. Este alinhamento traduziu-se pela promulgação da Circular 14, através da qual Salazar proibia a concessão de vistos a judeus, apátridas e outros "indesejados". Na prática, nenhum diplomata português estava autorizado a passar vistos de entrada, em Portugal, a judeus sem prévia consulta do Ministério dos Negócios Estrangeiros.

Deste modo, a Circular 14 foi, no fundo, o que ditou que tudo o que Sousa Mendes fez fosse o desrespeito para com o Governo português, pois este, com a perseguição de milhares de judeus por toda a Europa a intensificar-se à medida que aumentava a ameaça nazi, não obedece às ordens superiores, mas sim à sua consciência em ajudar aqueles que necessitavam de fugir para a América.

Logo no início de 1940, Sousa Mendes é formalmente avisado por Salazar de que não pode conceder mais vistos a judeus, sem prévia autorização, pois "se o fizer, ficará sujeito a procedimento disciplinar". No entanto, ante o avanço das tropas nazis Paris cai, a 14 de junho de 1940 e, no dia seguinte, a cidade francesa de Bordéus, fica submergida de refugiados concentrando-se em frente aos consulados de Portugal e de Espanha, à espera de um visto que os salvasse.

Sousa Mendes, perante a situação tomou a decisão de que iria emitir vistos sem distinção de "raça ou religião". De 17 a 19 de Junho, o cônsul português em Bordéus, trabalha incessantemente na emissão de vistos, juntamente com dois dos seus filhos, sem parar sequer

para comer. Ao longo desses dias, foram emitidos milhares de vistos, contrariando as ordens expressas do ditador António de Oliveira Salazar. Fontes apontam que o número de judeus salvos do Holocausto por Sousa Mendes foram na ordem dos dez mil, num total de trinta mil refugiados, a quem terá passado vistos durante a II Guerra Mundial.

Salazar, tomando conhecimento do sucedido, determina o seu afastamento do cargo, e envia o embaixador de Portugal em Madrid, Teotónio Pereira. Já em Portugal, Sousa Mendes solicita, em vão, uma audiência a Oliveira Salazar, mas este determina, a 4 de julho, a abertura de um processo disciplinar contra si, que é instaurado a 1 de agosto de 1940. Como consequência, Aristides de Sousa Mendes é afastado da Carreira Diplomática e afastado de qualquer atividade profissional, sendo ostracizado pelos seus familiares e amigos. Os filhos, perseguidos e não podendo encontrar trabalho em Portugal, são obrigados a emigrar.

Durante a II Guerra Mundial, aproveitando a neutralidade portuguesa judeus e opositores ao regime nazi fugiram para Portugal. Ao longo desse período Lisboa acolheu não só gente anónima, mas também espiões, diplomatas e figuras da realeza europeia que aqui procuravam a estabilidade impossível dos seus países de origem, sendo somente possível com a ajuda do cônsul português em Bordéus, Aristides de Sousa Mendes. O seu reconhecimento viria a ser declarado apenas no ano de 1966 e em Israel ao ser-lhe atribuído o título "Justo entre as Nações" pelo Memorial do Holocausto, em Jerusalém, *Yad Vashem*. Mais tarde, somente, após a implantação da democracia em Portugal, o Presidente da República, Mário Soares pediria desculpas à família e passados 67 anos após a sua morte recebeu Honras de Panteão Nacional, em cerimónia realizada a 19 de outubro de 2021.

Aristides de Sousa Mendes deixou um rasto de humildade, honestidade e de respeito pelos outros.

Aristides de Sousa Mendes, um homem sem igual,  
concedeu milhares de vistos na Europa Oriental  
Umilde homem que a ninguém discriminou,  
e cerca de 30 000 almas libertou.

Com a sua coragem o mundo salvou,  
a luz da razão sempre o guiar  
E as ordens de Salazar não respeitou.

Enquanto o nazismo na Europa nascia,  
o número de refugiados crescia.  
Com o governo de Vichy viram-se desamparados,  
e escolheram Portugal já desesperados.

# Encurralados pela guerra





ERMNVENTE A. D. E. Secção Internacional  
Antonio Neves  
do  
rio de Lisboa  
Nacionalidade  
Estado

A document with a stamp and handwritten text, likely a passport or identification card.



PROJECTO

PORTUCUESE/ VOTAI

A LIÇÃO DE SALAZAR

Constituição Política  
República Portuguesa



“PORTUGAL NÃO É UM PAÍS PEQUENO”



PERMANENTE D. E. - Secção Informaçõs

lido

*Mário Neves*

do

rio de Lisboa

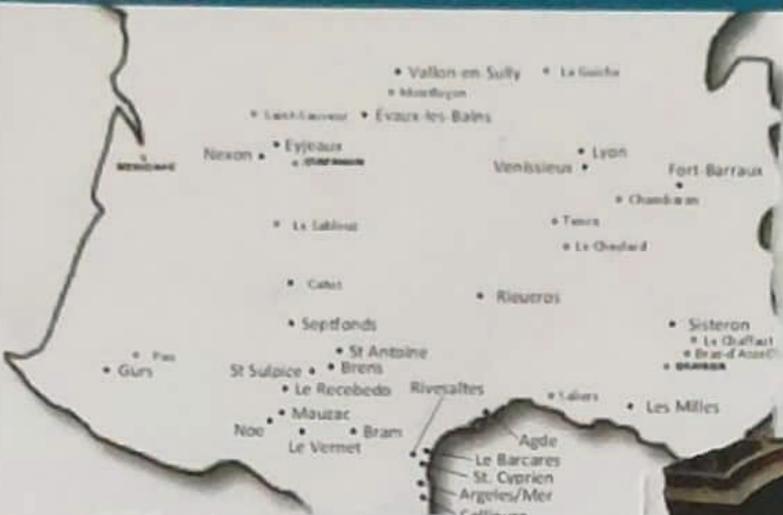
Nacionalidade *Mário Neves*

Estado *at. a*

tirado em

em





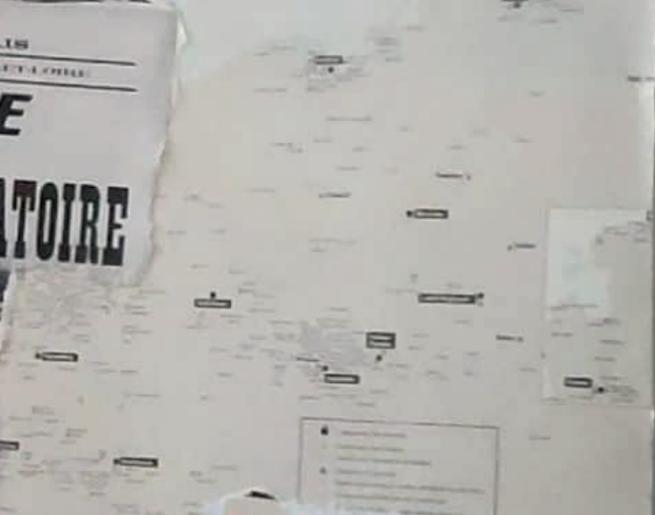
CAMPS FRANÇAIS D'INTERNEMENT EN AOÛT 1942



ETAT FRANÇAIS  
DEPARTEMENT DE LA MANCHE-LOIRE  
**SERVICE DU TRAVAIL OBLIGATOIRE**



aerial photo of V1-A taken by Allied air str April 9, 1945



PORTUGUESES NO SISTEMA CONCENTRACIONARIO NAZI

Campos de concentração (KL)

Aurigny	Nº de Portu- gueses
	2
	4
	18
	21
	4
	5
	1
	8
	2
	4
	1
	1
	75
	20





Perante a instabilidade política e económica da Primeira República em Portugal, a 28 de Maio de 1926, ocorreu um Golpe Militar, o qual pôs fim ao Liberalismo. Chamado, em 1928, António de Oliveira Salazar, para Ministro das Finanças, passados quatro anos, passou a exercer funções no poder como Presidente do Conselho de Ministros, ou seja, Chefe de Estado. Com a aprovação da Constituição de 1933, iniciou-se um novo e longo período de ditadura na História de Portugal - o Estado Novo. Um regime com um carácter antidemocrático, antiliberal, corporativista, colonialista e conservador que vigorou até ao 25 de Abril de 1974.

Nos finais da década de 30, os acontecimentos no país vizinho vão ter consequências na política portuguesa. O Regime torna-se mais autoritário, repressivo, robustecia-se e combatia as oposições, visto que uma possível vitória dos Republicanos na Guerra Civil Espanhola, que havia iniciado em 1936, seria uma ameaça para o Regime. No entanto, a vitória do general Francisco Franco, líder da Frente Nacionalista, em inícios de 1939 não só dita o fim deste conflito, mas também o início de um longo e árduo caminho para muitos portugueses.

A queda da Catalunha, empurrou para o exílio quase meio milhão de pessoas. Nesta dramática retirada através das Pireneus encontravam-se centenas de portugueses, emigrantes trabalhadores em Espanha, combatentes voluntários do Exército Republicano e membros das Brigadas Internacionais.

Recordando Jaime Cortesão:

"A Catalunha era Barcelona, e, calá esta, o resto não tardaria igualmente a cair. Estávamos a vinte e poucos quilómetros da fronteira (...) [a 27 de Janeiro] que o Col d'Aréz não estava totalmente obstruída pela neve, isto é, que a travessia era possível, mas as autoridades militares haviam recebido ordem de se opor ao êxodo das civis e militares que começavam a galgar a fronteira".

(*"Na desfecho da Guerra de Espanha (Texto autobiográfico)"*, in Óscar Lopes, Jaime Cortesão, Lisboa, Edições Arcádia, 1962, pp.130-1152)

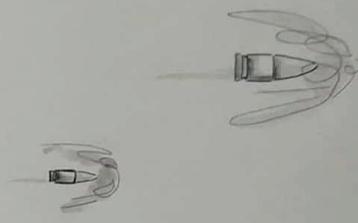
Os exilados Republicanos foram internados em quinze campos improvisados pelo governo Francês em lugares tais como: Gurs, Saint-Cyprien, Rivesaltes, Le Vernet e Les Milles e muitos dos portugueses nunca regressaram a Portugal pois, quando da invasão da Alemanha à França, em junho de 1940, ainda se encontravam nesses campos.

Assumindo o regime português um papel de neutralidade durante o II Guerra Mundial, o facto de no início da década de 1930 residirem em França cerca de 50 mil portugueses e fruto do desemprego ser particularmente elevado entre eles levou com muitos fossem recrutados para trabalharem na Alemanha, a qual necessitava de mão de obra. A situação piora quando Espanha ao assinar um acordo com a Alemanha, no qual França pagaria a sua dívida com a mesma, fruto da sua ajuda militar durante a Guerra Civil, permitiu a emigração de cerca de 10 000 espanhóis para o III Reich. O recrutamento afirmava condições de trabalho que não correspondiam à realidade, criando uma armadilha tanto para os trabalhadores franceses, quanto portugueses.

Pressionados pelo governo francês e alemão a trabalhar para o III Reich, no território, os alemães inauguraram escritórios, primeiro em zonas ocupadas e depois em Maio de 1942 nas "zonas livres" (Lyon, Marselha e Toulouse). Mas, a mobilização da população francesa, a qual incluía muitos portugueses, continuou a ser insuficiente e, a 4 de setembro de 1942, foi publicada uma lei que determinava que homens, entre os 18 e os 50 anos, e mulheres solteiras, entre os 25 e os 35 anos, era permitida a sua transferência para trabalhar na Alemanha. No ano seguinte, em fevereiro de 1943, foi instituído o Serviço do Trabalho Obrigatório (STO), onde funcionários franceses eram levados até a Alemanha de acordo com a lei aprovada no ano anterior, para trabalharem em fábricas, em minas, na agricultura, em escritórios, etc.

Relativamente aos portugueses, era através de Espanha no escritório de recrutamento de Vigo, que muitos se inscreveram para trabalhar na Alemanha. Com o seguimento da Guerra, notava-se cada vez mais a divergência entre as condições de emprego apresentadas e as condições reais a que os trabalhadores forçados estavam a ser submetidos.

Terão sido quase uma centena de portugueses que estiveram nos campos de trabalhos forçados, dos quais alguns tinham nascido no concelho de Vila Nova de Famalicão.





Perante a instabilidade política e económica da Primeira República em Portugal, a 28 de Maio de 1926, ocorreu um Golpe Militar, o qual pôs fim ao Liberalismo. Chamado, em 1928, António de Oliveira Salazar, para Ministro das Finanças, passados quatro anos, passou a exercer funções no poder como Presidente do Conselho de Ministros, ou seja, Chefe de Estado. Com a aprovação da Constituição de 1933, iniciou-se um novo e longo período de ditadura na História de Portugal - o Estado Novo. Um regime com um carácter antidemocrático, antiliberal, corporativista, colonialista e conservador que vigorará até ao 25 de Abril de 1974.

Nos finais da década de 30, os acontecimentos no país vizinho vão ter consequências na política portuguesa. O Regime torna-se mais autoritário, repressivo, robustecia-se e combatia as oposições, visto que uma possível vitória dos Republicanos na Guerra Civil Espanhola, que havia iniciado em 1936, seria uma ameaça para o Regime. No entanto, a vitória do general Francisco Franco, líder da Frente Nacionalista, em inícios de 1939 não só dita o fim deste conflito, mas também o início de um longo e árduo caminho para muitos portugueses.

A queda da Catalunha empurrou para o exílio quase meio milhão de pessoas. Nesta dramática retirada através dos Pirenéus encontravam-se centenas de portugueses, emigrantes trabalhadores em Espanha, combatentes voluntários do Exército Republicano e membros das Brigadas Internacionais.

Recordando Jaime Cortesão:

"A Catalunha era Barcelona; e, caída esta, o resto não tardaria igualmente a cair. Estávamos a vinte e poucos quilómetros da fronteira (...). Soubemos (...) [a 27 de Janeiro] que o Col d'Arês não estava totalmente obstruído pela neve, isto é, que a travessia era possível, mas as autoridades militares haviam recebido ordem de se opor ao êxodo dos civis e militares que começavam a galgar a fronteira".

(*No desfecho da Guerra de Espanha (Texto autobiográfico)*), in Óscar Lopes, *Jaime Cortesão*, Lisboa, Edições Arcádia, 1962, pp.130-1152).

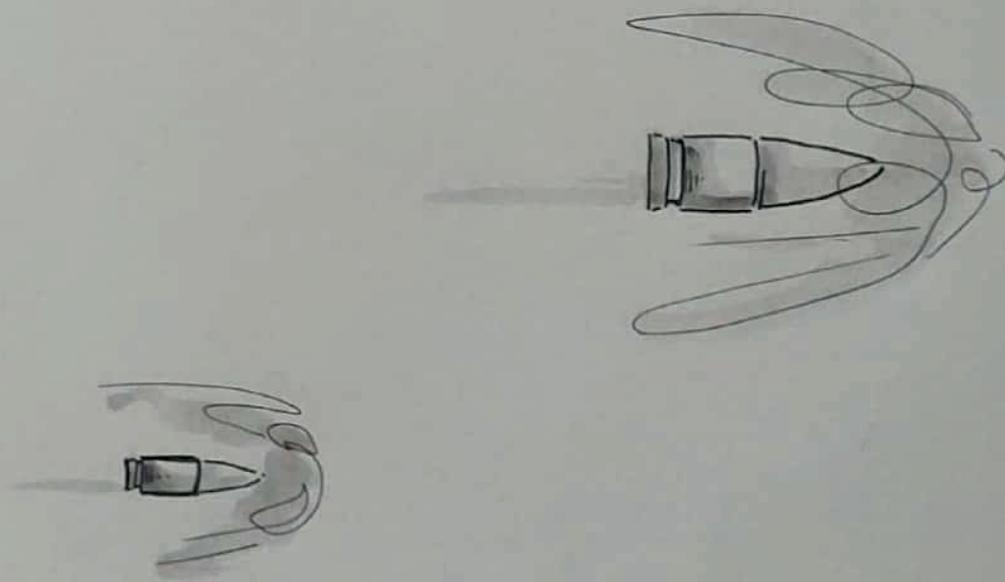
Os exilados Republicanos foram internados em quinze campos improvisados pelo governo Francês em lugares tais como: Gurs, Saint-Cyprien, Rivesaltes, Le Vernet e Les Milles e muitos dos portugueses nunca regressaram a Portugal pois, quando da invasão da Alemanha à França, em junho de 1940, ainda se encontravam nesses campos.

Assumindo o regime português um papel de neutralidade durante a II Guerra Mundial, o facto de no início da década de 1930 residirem em França cerca de 50 mil portugueses e fruto do desemprego ser particularmente elevado entre eles levou com muitos fossem recrutados para trabalharem na Alemanha, a qual necessitava de mão de obra. A situação piora quando Espanha ao assinar um acordo com a Alemanha, no qual Franco pagaria a sua dívida com a mesma, fruto da sua ajuda militar durante a Guerra Civil, permitiu a emigração de cerca de 10 000 espanhóis para o III Reich. O recrutamento afirmava condições de trabalho que não correspondiam à realidade, criando uma armadilha tanto para os trabalhadores franceses, quanto portugueses.

Pressionados pelo governo francês e alemão a trabalhar para o III Reich, no território, os alemães inauguraram escritórios, primeiro em zonas ocupadas, e depois em maio de 1942 nas "zonas livres" (Lyon, Marselha e Toulouse). Mas, a mobilização da população francesa, a qual incluía muitos portugueses, continuou a ser insuficiente e, a 4 de setembro de 1942, foi publicada uma lei que determinava que homens, entre os 18 e os 50 anos, e mulheres solteiras, entre os 25 e os 35 anos, era permitida a sua transferência para trabalhar na Alemanha. No ano seguinte, em fevereiro de 1943, foi instituído o Serviço do Trabalho Obrigatório (STO), onde funcionários franceses eram levados até a Alemanha de acordo com a lei aprovada no ano anterior, para trabalharem em fábricas, em minas, na agricultura, em escritórios, etc.

Relativamente aos portugueses, era através de Espanha no escritório de recrutamento de Vigo, que muitos se inscreveram para trabalhar na Alemanha. Com o seguimento da Guerra, notava-se cada vez mais a divergência entre as condições de emprego apresentadas e as condições reais a que os trabalhadores forçados estavam a ser submetidos.

Terão sido quase uma centena de portugueses que estiveram nos campos de trabalhos forçados, dos quais alguns tinham nascido no concelho de Vila Nova de Famalicão.







Por uma vontade  
maior...



um destino  
catastrófico







Apesar de Portugal ter sido um país neutro durante a II Guerra Mundial, houve um conjunto de situações que determinou com que vários portugueses, inclusive famalicenses, estivessem envolvidos nos acontecimentos que se relacionam com este conflito.

Se o facto de durante os finais do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, o grande atraso económico no país ter levado com que muitos portugueses, para escapar à fome e encontrar melhores condições de vida, decidissem emigrar, especialmente para França, o mesmo aconteceu com vários habitantes das diferentes freguesias do concelho de Vila Nova de Famalicão, do distrito de Braga.

Já durante o período da I Guerra Mundial, cerca de 570 famalicenses integraram o Corpo Expedicionário Português e combateram na frente de Flandres, o que lhes permitiu, apesar das dificuldades do momento, conhecer uma nova realidade.

A maior parte dos emigrantes famalicenses eram originários das freguesias de Joane, Arroso Santa Eulália, Arroso Santa Maria, S. Cosme do Vale e Santo Adrião, e destes famalicenses é de destacar: Cândido Ferreira, João Faria de Sá, Manuel da Silva, Adriano Moreira da Silva, Celestino e Rita Bento da Silva, José da Costa, Joaquim Simões e Manuel Ferreira. Alguns destes famalicenses procuraram obter o passaporte através do Governo Civil para assim emigrarem para França, ou mesmo o fizeram de modo clandestino.

Esta foi uma emigração predominantemente masculina, onde exerciam, sobretudo, os ofícios de carpinteiro, pedreiro, agricultor/lavrador, destacando-se ainda os "proprietários", no entanto, muitos identificavam-se apenas como trabalhadores. Já a emigração feminina era maioritariamente composta por trabalhadoras domésticas.

Apanhados de surpresa pela guerra que se gerou, estes emigrantes famalicenses não conseguiram evitar o desagradável destino que os esperava e assim viram-se envolvidos no conflito mundial, de forma direta ou indirectamente. Pois, mesmo o facto da acusação da prática de um grande ou pequeno crime, teve como consequência, e sem a possibilidade de qualquer defesa, a ida para os campos de concentração.

Para além disso, existiam ainda unidades militares para acolher refugiados e emigrantes, tais como a Legião Estrangeira Francesa ou os Regimentos de Marcha de Voluntários Estrangeiros, unidades estas onde alguns emigrantes famalicenses se alistaram voluntariamente, sendo alguns destes voluntários: José da Costa, Joaquim Simões e Manuel Ferreira.

Como já mencionado, vendo-se envolvidos nos acontecimentos que decorriam, muitos portugueses foram capturados pelas tropas nazis, impostas a trabalhos forçados, feitos prisioneiros.

Alguns dos documentos produzidos durante a guerra e estudados e analisados por um conjunto de investigadores, dão-nos a conhecer melhor a história de cada um dos famalicenses, ao qual, de seguida, iremos destacar:

#### Manuel da Silva

Manuel da Silva, nasceu a 25 de abril de 1923, natural da freguesia de Lousado, do concelho de Vila Nova de Famalicão, filho de pais portugueses que decidiram emigrar para França. No entanto, Manuel ao adquirir a nacionalidade francesa ficou abrangido, pela lei de fevereiro de 1943, ao trabalho obrigatório na Alemanha (Service du Travail Obligatoire - STO). Mais tarde, foi preso por sabotagem, pois provavelmente para fugir ao STO pertenceu aos maquis (grupo de guerrilheiros), de Lantilly, no departamento de Cote D'or. Participou na recolha de informações para os Aliados e na recuperação de armamento lançado pelos aviões das forças Aliadas. Como resultado desta sabotagem, a 25 de maio de 1944, o grupo dos mesmos guerrilheiros foram atacados e massacrados pelas tropas alemãs e francesas. Com isto, foi deportado para Dachau, um subcampo de concentração Nazi, em junho de 1944 e logo transferido para o subcampo de Alloch.

Eventualmente, Manuel da Silva terá sido libertado do campo pelas tropas americanas, em abril de 1945, regressando à França no final de maio.

#### João Faria de Sá

Nascido em Sezures, a 15 de março de 1910, emigrou para França, onde morava em Aston no departamento de Ariège e trabalhava como operador de teleférico. No tempo da ocupação alemã vai tentar pôr o teleférico a dispor da Resistência, para transportar patriotas, que querem chegar à África do Norte, e assim conseguem juntar-se ao exército da França livre. A 23 de Março de 1943 foi preso e deportado no âmbito da operação "Espuma de mar" (Meerscham) que tinha em vista o envio de trabalhadores para a Alemanha. Passou pelas prisões de St-Michel em Toulouse e de Fresnes nos arredores de Paris, depois foi levado para o campo de concentração de Buchenwald. Foi registado com o número 41.109 e de acordo com a documentação era um homem de 1,54, com olhos castanhos e cabelo escuro.

Faria de Sá a 11 de abril de 1945, foi libertado, regressando ao departamento onde vivia antes da deportação. Apesar de ter sobrevivido, devido às condições físicas do campo, saiu com graves problemas, como: asma, enfisema e bronquite, septicemia e pericardite. Para conseguir recuperar-se destes passou bastante tempo internado no pavilhão pulmões no hospital de Pamiers.

#### Cândido Ferreira

Nasceu a 17 de abril de 1922, em Vila Nova de Famalicão, na freguesia de Castellos. Emigrou para França ainda muito novo no qual em 1939 exerceu, tal como o pai, o ofício de pedreiro. Preso pela polícia francesa devido a um delito comum e julgado pelo tribunal, foi punido com pena de prisão que cumpriu em Limoges e no presidio de Eysses (1944). Após esta pena, foi transferido para o campo de triagem de Noé, campo de reserva de mão de obra para o trabalho forçado na Alemanha.

A família teve notícias dele pela última vez em 1944 e veio-se a saber mais tarde que havia sido deportado, juntamente com outros portugueses, no comboio que ia para Raulouse. Foi internado em Buchenwald e deu-se como morto a 24 de fevereiro de 1945 vítima de uma gastroenterite.

#### Adriano Moreira da Silva

Adriano Moreira da Silva nasceu em Lousado, Vila Nova de Famalicão, a 6 de março de 1920, mas decide emigrar para França e, mais tarde, para a Alemanha. Pouco se sabe sobre o seu percurso, mas quando trabalhava na Alemanha já era casado com Camille Renaud, onde viviam nos arredores de Paris.

Durante o ano de 1943 trabalhou na fábrica de relógios da Kienzle, em Schwenningen am Neckar. Em julho desse ano foi-lhe concedida a permissão para ir a França gozar férias, mas com a condição de voltar à Alemanha. Durante o trabalho sofreu um acidente onde a parte frontal do seu pé esquerdo ficou completamente esmagado com a fracturação do 4º dedo desse pé.

#### Joaquim Simões

Nasceu a 1 de maio de 1908, em Cal de Baixo, freguesia de Telhado. É descendente de pais portugueses, Manuel Simões Lopes e Engrácia Simões Carneira, no entanto emigrou clandestinamente para França. Aos 31 anos alistou-se na Legião Estrangeira, no centro de recrutamento de Pau.

#### Celestino e Rita Bento da Silva

Celestino nasceu em Frazelós a 9 de janeiro de 1897 e casou-se com Rita Ferreira de Carvalho, natural da Póvoa de Varzim. Com dois filhos, e sendo ele trabalhador rural, emigrou para França em busca de melhores oportunidades de trabalho, partindo a abril de 1924. Em França arranjou trabalho como lenhador, acabando por ficar no departamento do Somme. Com Rita, teve mais seis filhos. Em 1932 a família numerosa adquiriu a nacionalidade francesa. Cada vez mais envolvidos com o partido Comunista Francês e vistos como uma "suspeita do ponto de vista nacional", foi-lhes retirada a nacionalidade a 2 de setembro de 1942. Esta mesma família participou nas operações de detenção e perseguição dos soldados alemães.



Apesar de Portugal ter sido um país neutro durante a II Guerra Mundial, houve um conjunto de situações que determinou com que vários portugueses, inclusive famalicenses, estivessem envolvidos nos acontecimentos que se relacionam com este conflito.

Se o facto de durante os finais do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, o grande atraso económico no país ter levado com que muitos portugueses, para escapar à fome e encontrar melhores condições de vida, decidissem emigrar, especialmente para França, o mesmo aconteceu com vários habitantes das diferentes freguesias do concelho de Vila Nova de Famalicão, do distrito de Braga.

Já durante o período da I Guerra Mundial, cerca de 570 famalicenses integraram o Corpo Expedicionário Português e combateram na frente de Flandres, o que lhes permitiu, apesar das dificuldades do momento, conhecer uma nova realidade.

A maior parte dos emigrantes famalicenses eram originários das freguesias de Joane, Arnoso Santa Eulália, Arnoso Santa Maria, S. Cosme do Vale e Santo Adrião, e destes famalicenses é de destacar: Cândido Ferreira, João Faria de Sá, Manuel da Silva, Adriano Moreira da Silva, Celestino e Rita Bento da Silva, José da Costa, Joaquim Simões e Manuel Ferreira. Alguns destes famalicenses procuraram obter o passaporte através do Governo Civil para assim emigrarem para França, ou mesmo o fizeram de modo clandestino.

Esta foi uma emigração predominantemente masculina, onde exerciam, sobretudo, os ofícios de carpinteiro, pedreiro, agricultor/ lavrador, destacando-se ainda os "proprietários", no entanto, muitos identificavam-se apenas como trabalhadores. Já a emigração feminina era maioritariamente composta por trabalhadoras domésticas.

Apanhados de surpresa pela guerra que se gerou, estes emigrantes famalicenses não conseguiram evitar o desagradável destino que os esperava e assim viram-se envolvidos no conflito mundial, de forma direta ou indiretamente. Pois, mesmo o facto da acusação da prática de um grande ou pequeno crime, teve como consequência, e sem a possibilidade de qualquer defesa, a ida para os campos de concentração.

Para além disso, existiam ainda unidades militares para acolher refugiados e emigrantes, tais como a Legião Estrangeira Francesa ou os Regimentos de Marcha de Voluntários Estrangeiros, unidades estas onde alguns emigrantes famalicenses se alistaram voluntariamente, sendo alguns destes voluntários: José da Costa, Joaquim Simões e Manuel Ferreira.

Como já mencionado, vendo-se envolvidos nos acontecimentos que decorriam, muitos portugueses foram capturados pelas tropas nazis, impostos a trabalhos forçados, feitos prisioneiros.

Alguns dos documentos produzidos durante a guerra e estudados e analisados por um conjunto de investigadores, dão-nos a conhecer melhor a história de cada um dos famalicenses, ao qual, de seguida, iremos destacar:

### **Manuel da Silva**

Manuel da Silva, nasceu a 25 de abril de 1923, natural da freguesia de Lousado, do concelho de Vila Nova Famalicão, filho de pais portugueses que decidiram emigrar para França. No entanto, Manuel ao adquirir a nacionalidade francesa ficou abrangido, pela lei de fevereiro de 1943, ao trabalho obrigatório na Alemanha (Service du Travail Obligatoire - STO). Mais tarde, foi preso por sabotagem, pois provavelmente para fugir ao STO pertenceu aos maquis (grupo de guerrilheiros), de Lantilly, no departamento de Cote D'or. Participou na recolha de informações para os Aliados e na recuperação de armamento lançado pelos aviões das forças Aliadas. Como resultado desta sabotagem, a 25 de maio de 1944, o grupo dos mesmos guerrilheiros foram atacados e massacrados pelas tropas alemãs e francesas. Com isto, foi deportado para Dachau, um subcampo de concentração Nazi, em junho de 1944 e logo transferido para o subcampo de Allach.

Eventualmente, Manuel da Silva terá sido libertado do campo pelas tropas americanas, em abril de 1945, regressando à França no final de maio.

### **João Faria de Sá**

Nascido em Sezures, a 15 de março de 1910, emigrou para França, onde morava em Aston no departamento de Ariège e trabalhava como operador de teleférico. No tempo da ocupação alemã vai tentar pôr o teleférico a dispor da Resistência, para transportar patriotas, que queriam chegar à África do Norte, e assim conseguirem juntar-se ao exército da França livre. A 23 de Março de 1943 foi preso e deportado no âmbito da operação "Espuma do mar" (Meerschäum) que tinha em vista o envio de trabalhadores para a Alemanha. Passou pelas prisões de St-Michel em Toulouse e de Fresnes nos arredores de Paris, depois foi levado para o campo de concentração de Buchenwald. Foi registado com o número 41.109 e de acordo com a documentação era um homem de 1,54, com olhos castanhos e cabelo escuro.

Faria de Sá, a 11 de abril de 1945, foi libertado, regressando ao departamento onde vivia antes da deportação. Apesar de ter sobrevivido, devido às condições físicas do campo, saiu com graves problemas, como: asma, enfisema e bronquite, septicemia e pericardite. Para conseguir recuperar-se destes passou bastante tempo internado no pavilhão pulmonar no hospital de Pamiers.

### **Cândido Ferreira**

Nasceu a 17 de abril de 1922, em Vila Nova de Famalicão, na freguesia de Castelões. Emigrou para França ainda muito novo no qual em 1939 exerceu, tal como o pai, o ofício de pedreiro. Preso pela polícia francesa devido a um delito comum e julgado pelo tribunal, foi punido com pena de prisão que cumpriu em Limoges e no presídio de Eysses (1944). Após esta pena, foi transferido para o campo de triagem de Noé, campo de reserva de mão de obra para o trabalho forçado na Alemanha.

A família teve notícias dele pela última vez em 1944 e veio-se a saber mais tarde que havia sido deportado, juntamente com outros portugueses, no comboio que ia para Roulouse. Foi internado em Buchenwald e deu-se como morto a 24 de fevereiro de 1945 vítima de uma gastroenterite.

### **Adriano Moreira da Silva**

Adriano Moreira da Silva nasceu em Lousado, Vila Nova de Famalicão, a 6 de março de 1920, mas decide emigrar para França e, mais tarde, para a Alemanha. Pouco se sabe sobre o seu percurso, mas quando trabalhava na Alemanha já era casado com Camille Renaud, onde viviam nos arredores de Paris.

Durante o ano de 1943 trabalhou na fábrica de relógios da Kienzle, em Schwenningen am Neckar. Em julho desse ano foi-lhe concedida a permissão para ir a França gozar férias, mas com a condição de voltar à Alemanha. Durante o trabalho sofreu um acidente onde a parte frontal do seu pé esquerdo ficou completamente esmagado com a fracturação do 4º dedo desse pé.

### **Joaquim Simões**

Nasceu a 1 de maio de 1908, em Cal de Baixo, freguesia de Telhado. É descendente de pais portugueses, Manuel Simões Lopes e Engrácia Simões Correia, no entanto emigrou clandestinamente para França. Aos 31 anos alistou-se na Legião Estrangeira, no centro de recrutamento de Pau.

### **Celestino e Rita Bento da Siva**

Celestino nasceu em Fradelos a 9 de janeiro de 1897 e casou-se com Rita Ferreira de Carvalho, natural da Póvoa de Varzim. Com dois filhos, e sendo ele trabalhador rural, emigrou para França em busca de melhores oportunidades de trabalho, partindo a abril de 1924. Em França arranhou trabalho como lenhador, acabando por ficar no departamento do Somme. Com Rita, teve mais seis filhos. Em 1932 a família numerosa adquiriu a nacionalidade francesa. Cada vez mais envolvidos com o partido Comunista Francês e vistos como uma "suspeita do ponto de vista nacional", foi-lhes retirada a nacionalidade a 2 de setembro de 1942. Esta mesma família participou nas operações de detenção e perseguição dos soldados alemães.

Name und Vorname:

geb:

zu:

Wohnort:

Beruf:

Rel:

Staatsangehörigkeit:

Stand:

Name der Eltern:

Rasse:

Wohnort:

Kinder:

Alleiniger Ernährer der Familie oder der Eltern

Name der Ehefrau:

Wohnort:

Rasse:

Vorbildung:

Militärdienstzeit:

Von — bis:

Kriegsdienstzeit:

Von — bis:

Grösse:

Gestalt:

Gesicht:

Augen:

Nase:

Mund:

Ohren:

Zähne:

Haare:

Sprache:

Ansteckende Krankheit oder Gebrechen:

Besondere Kennzeichen:

Rentenempfänger:

Verhaftet am:

wo:

1. Mal eingeliefert:

2. Mal eingeliefert:

Einweisende Dienststelle:

Grund:

Parteizugehörigkeit:

Welche Funktionen:

Mitglied v. Unterorganisationen:

Kriminelle Verstrafen:

Politische Verstrafen:

Ich bin darauf hingewiesen worden, dass meine Bestrafung wegen intellektueller Unkundensfälschung erfolgt, wenn sich die obigen Angaben als erweisen sollten.

As minhas mãos presas  
enquanto subo para a carruagem  
com destino final... desconhecido  
rostos de crianças mulheres homens  
que respiram o mesmo ar de angústia  
sem espaço para que a nossa caixa torácica  
possa expandir-se

Sinto uma respiração quente  
colada ao meu pescoço  
levantando os meus cabelos dourados  
arranca a locomotiva a alta velocidade  
mas o meu batimento cardíaco vence esta corrida  
o tempo decorre lentamente enquanto os meus pensamentos  
corroem a minha cabeça como larvas que devoram a carne fresca  
ao olhar pela janela vejo a cristalização do frio  
que não sabia que em poucas horas consumiria o meu corpo

Para o comboio...  
Mãos congeladas  
agarram-me bruscamente o braço e colocam-me numa longa fila  
que transformará a minha identidade  
a humanidade que me restava  
substituindo-a por um número  
um odor a madeira queimada...  
"783910"  
lançado para o pátio desnudam-me  
o frio começa a celebrar  
arremessam-me para a neve branca manchada de gotas de vinho  
ou pelo menos é o que eu queria pensar  
não imaginava que tudo o que me rodeava em breve desapareceria

ao longe ouço gritos lamentos prantos... sofrimento  
confuso caminho na direção deste som  
se eu pudesse recuar e não o fazer  
não pensaria duas vezes  
o meu coração cai e a minha garganta fecha-se  
corpos amontoados  
crianças mulheres homens

crianças mulheres homens  
crianças mulheres homens  
a neve cai graciosa e calma sobre o cabelo dos inocentes  
as mãos de gelo  
as bocas azuis como uma noite serena e tranquila  
os olhos um espelho  
refletindo a dor  
um cheiro a carne podre infesta o ar  
combinando com um odor químico que saía de uma das casas  
uma voz grita o meu número  
sou levado para uma casa onde a obscuridade  
dançava e através de um buraco na parede olhava a  
noite com alma inquieta  
um assobio desperta-nos  
os números saem para o exterior com rapidez  
chegamos às escadas que quase tocam o céu

Dão-nos blocos de cimento com mais de 30kg  
e começa a tortura que será o meu fim  
horas e horas a subir e a descer aquelas escadas  
as costas quebradas  
os pés parecem querer separar-se do meu corpo  
as mãos rasgadas e cobertas de sangue  
uma corda fina toca o meu corpo com força  
"Sobel!"  
sucumbo  
a minha visão turva  
os meus joelhos tremem de frio enquanto o meu peito ferve como  
uma onda prestes a rebentar  
sede desesperante mais de 24 horas sem beber  
mais de 28 horas sem comer  
as lágrimas  
humedecem os meus lábios secos  
o ar sufoca-me irrespirável  
continuo a subir  
o meu sangue ferve e é o único calor que eu sinto

recordo a minha infância  
quando saltava no campo

correndo solto e livre nos montes da minha terra  
Minho, Famalicão,  
regressava a casa  
com uma comida quente preparada pela minha mãe  
meu pai colocava-me nos seus ombros  
sentia-me invencível ou acreditava que o seria

caio  
quando dou o último passo na escada... sucumbo  
revivo os momentos que vivi  
e quando tento levantar-me  
a realidade atinge-me  
saudade  
o destino da humanidade muda rapidamente  
as minhas mãos tremem enquanto alcanço a luz da lua e  
dou o meu último respiro  
Um número menos

# Trabalho elaborado pela turma H, do 11º ano do curso de Artes Visuais

Aline Ferreira  
Ana Leonor Pinheiro  
Ana Margarida Leite  
André Meira  
Amanda Mantims  
Daniela Silva  
Elisabete Chezepanska  
Filipe Oliveira  
Joane Marques  
Joana Pinheiro  
José Machado  
Margarida Puella  
Sara Fernandes  
Vitor Faria

“ O caminho para Auschwitz  
foi construído pelo ódio,  
mas pavimentado com  
indiferença. ”

- Ian Kershaw, *Popular  
Opinion and Political  
Dissent in the Third Reich.  
Bavaria, 1933-1945,*  
p. 277

